

O ARTISTA ROMÂNTICO E O CRÍTICO DE ARTE; *L'ARTISTE* 1831-1838

Profa. Dra. Celina Maria Moreira de Mello
UFRJ-CNPq

Para reconstituir o lugar que foi ocupado pela Revista *L'Artiste* na produção de condições institucionais de processos de avaliação e julgamento no campo do literário e no campo do pictórico, é preciso operar um recorte histórico que suspenda, pelo menos provisoriamente, qualquer visão transcendente da Literatura e da Pintura. As produções literárias e pictóricas são sistemas semiológicos, de produção de sentidos, e também produções discursivas, inseparáveis de práticas discursivas, ou seja, inscritas em seus contextos, que contribuem para produzir; o que significa que são historicamente determinadas.

Uma vez que a revista foi fundada em 1831 e é publicada até 1904, apresento aqui um primeiro recorte, que vai de 1831 a 1838 e que corresponderia a uma primeira fase da revista e aos primeiros anos da Monarquia de Julho, na França.

A assim chamada "Monarquia de Julho", após um movimento revolucionário que durou três dias, 27, 28 e 29 de julho¹, colocou no trono dos Bourbon o príncipe Louis-Philippe d'Orléans, primo do rei deposto Charles X. Há imensa expectativa de transformações nos mecanismos institucionais oficiais de regulação do campo artístico, tomando-se, muitas vezes, como paradigma de novas possibilidades, o que ocorrera durante a Revolução Francesa, quando o Salão de 1791, obedecendo ao resultado de uma deliberação da Assembléia Legislativa revolucionária, adota o princípio de uma exposição livre e universal de quadros, que vem substituir o privilégio exclusivo dos acadêmicos no que se refere à exposição de quadros no Salão do Louvre.

¹ O movimento tem como um desencadeador a fim da liberdade de imprensa, a volta dos jornais proibidos em 27 de julho, que foram apreendidos e a revolta dos tipógrafos que ficaram desempregados.

L'Artiste, em seus primeiros números, apresenta um projeto gráfico "moderno": a cena representada na vinheta reúne artistas em trajés contemporâneos, que coexiste, sem tensão, com portais barrocos e medievais. Há uma mistura de tipos na composição dos títulos e ilustrações e desenhos de Tony Johannot, com sua marca de diversidade, humor e fantasia, que para muitos antecipa a liberdade visual do surrealismo.

L'Artiste apresenta as seguintes seções:

- **BEAUX-ARTS**
- **LITTÉRATURE**
- **APERÇU DES PUBLICATIONS**
- **REVUE MUSICALE**
- **REVUE DRAMATIQUE**
- **NOUVELLES**

As seções podem, às vezes, não estarem todas presentes, mas aparecem sempre nessa ordem, que corresponde ao que anunciado pelo sub-título da revista *Beaux-arts et belles-lettres*.

O segundo número, por exemplo, não apresenta a seção *Aperçu des publications* (resenhas críticas) o mesmo ocorrendo com o quinto número.

A título de ilustração, segue um quadro com a lista das seções e dos artigos do primeiro número.

BEAUX-ARTS -

- *EXPOSITION DU LUXEMBOURG; M. GROS.* signé Delécluze. p. 1-4
- *MIRABEAU À L'ÉCOLE DES BEAUX-ARTS.* article non signé. p. 4-5

LITTÉRATURE

- *MADAME DE GENLIS*. signé J. Fiévée. p. 5-9
- *1814* article non signé p. 9
- *ETRE ARTISTE!* signé Jules Janin. p. 9-12
- *DIPLOMATIE*. article non signé p 12-13

APERÇU DES PUBLICATIONS

- *ROUGE ET NOIR PAR M. DE STENDHAL*. article non signé. p. 13
- *CHANSONNIER DES GRACES*. article non signé p. 13-14
- *ALMANACH DES SPECTACLES*. article non signé p. 14

REVUE MUSICALE

- *THÉÂTRE ITALIEN*. article non signé p. 14-15
- *OPÉRA COMIQUE* article non signé p. 15-16

REVUE DRAMATIQUE

- *GYMNASE DRAMATIQUE* par Mm. Scribe et Bayard p. 16
- *VAUDEVILLE; LA MENDIANTE*. drame en deux actes par M. Saint-Brice. article non signé p. 17

NOUVELLES

- *FOLIES DRAMATIQUES. LES FOUS, PROLOGUE, LES QUATRE PARTIES DU MONDE - MÉLODRAME.* article non signé p. 18
 - *THÉÂTRE DU PALAIS-ROYAL.* article non signé p. 19
 - *PANORAMA DE NAVARIN.* article non signé p. 19
 - *COMMISSION POUR L'EXAMEN DE L'ADMINISTRATION DE L'OPÉRA* article non signé p. 19
 - *NOMINATION À LA PLACE VACANTE DANS LA SECTION DE MUSIQUE DE L'INSTITUT.* article non signé p. 20
 - *MINISTÈRE DE L'INTÉRIEUR - Arrêté.* p. 20
- AU SUJET DE LA FORMATION D'UNE COMMISSION CHARGÉE DE FAIRE UN RAPPORT SUR LES MODIFICATIONS QUI POURRAIENT ÊTRE APPORTÉE AUX RÈGLEMENTS DE L'ÉCOLE ROYALE DES BEAUX-ARTS ET DE L'ACADÉMIE DE FRANCE À ROME; LE MODE DE JUGEMENT QU'IL CONVIENDRAIT D'ADOPTER POUR LE CONCOURS DES ARTISTES*
- *ECOLE DE DESSIN À MULHOUSE.* p. 20 (anúncio)

O primeiro artigo é assinado por Etienne-Jean Delécluze (1781-1863) pintor, escritor e crítico de arte davidiano, ou seja, defensor da estética neoclássica, posta a serviço dos ideais de educação cívica e moral do povo, pela arte, que se opunha, portanto, à nova estética dita romântica. O artigo tem como tema os quadros de Gros, com temas napoleônicos, cuja exibição havia sido anteriormente proibida.

O editorial de apresentação da revista é o artigo assinado por Jules Janin, *Etre artiste!* que se desenvolve a partir de uma pergunta, que seria a do público da revista, sobre a possibilidade de haver arte em tal conjuntura política; pergunta colocada nos seguintes termos:

Em uma palavra, antes que tenham passado seis meses, saberemos, com certeza se existe arte na França, e que arte, e quanta e a que preço e com que interesse e acompanhada de que emoções. Como falaremos da arte em toda sua extensão e o mais completamente possível e em todos os aspectos, sabemos que em breve (*avant peu*) teremos que refletir a sobre uma grande questão: A arte será ainda (*encore*) possível para nós? ²

Pergunta à qual a existência mesma da revista vem responder.

Neste artigo, o crítico declina um paradigma de diferentes modos de "ser artista" que podem ser sintetizados na seguinte fórmula, ser artista é viver voltado para a vida da alma, "som, cor, ar, alma e coração", sem pensar nos "fatos materiais da vida"³. Isto de acordo com a definição de arte proposta, dando valor àquilo que a Psicanálise denomina "afetos" e a seu efeito político revolucionário:

A arte é a vida, a arte é um dom da alma sob formas diversas, a alma é a amizade, é o amor, é a vingança, é o terror, é a voz que desperta os povos, que canta a liberdade, que liberta os escravos, que pune o poderoso, que sustenta o fraco [...]⁴

Esta generosa definição de arte complementa-se com uma profissão de fé nacionalista, que vem inscrever a arte francesa em uma genealogia legitimadora, a qual também vem legitimar, pelo viés de uma ação civilizatória, a política colonialista do governo francês⁵. Janin afirma:

² "En un mot, avant six mois nous saurons au juste s'il y a de l'art en France, et quel art, et combien, et à quel prix, et de quel intérêt, et de quelles émotions suivies. Comme nous parlerons de l'art dans toute son étendue et le plus complètement que nous pourrons et sous toutes ses faces, nous savons bien ce qu'il faudra penser *avant peu* de cette grande question: L'art est-il *encore* possible pour nous?" JANIN, Jules. *Etre Artiste! L'ARTISTE*. Tome I, 1^{re} livraison, 1831. p. 12

³ Idem, p. 9

⁴ Idem, p. 10

⁵ A ocupação da Argélia, que se inicia no final do reinado de Charles X, deposto pela Revolução de Julho, prossegue na Monarquia de Julho.

[...] a arte é a mais alta glória a que aspiram as nações dominantes (maîtresses), é o limite fatal em que se arrebatam os bárbaros; a arte é a Grécia, é a Itália, é a França, é a Alemanha, é a Inglaterra.⁶

O conceito de arte defendido por Janin compreende aquela que existe em interiores palacianos ou burgueses, em móveis e objetos decorativos, como gravuras e relógios. Mas igualmente aquela presente na moda que se pode observar nas ruas de Paris ou em cenas urbanas do cotidiano, qualquer que seja o segmento social representado.

Ao definir *arte* e *artista*, Janin estabelece uma categorização que vem legitimar os artigos críticos do periódico, incluindo-os na realização do fazer artístico: o artista que "sabe e que julga" e "aquele que compõe e que cria". A ordem escolhida para a enumeração mostra ser a primeira superior à segunda.

O paradigma declinado por Janin compreende: o artista inspirado, que nasce artista e produz sem esforço; o artista que foge da cidade e se encanta com cenas e paisagens campestres; o artista que retrata o mundo dos salões e aquele que retrata o mundo dos soldados.

Os diferentes modos de expressão artística serão associados: o desenho, a caricatura e o trabalho do escritor; uma litografia, um conto e uma canção, uma vez que se postula a união de todas as artes.

Para concluir, Janin cita o artista à maneira de Sterne, "grave historiador das coisas ínfimas", e Hoffmann, já que o fantástico é "uma descoberta totalmente moderna"⁷, inspirada pelo sonho, o pesadelo, a bebedeira.

A generosa acolhida de tal diversidade configura-se como um sistema de alianças em um momento de transformações do campo artístico, no que se refere a novos modos de atribuição de

⁶ Idem, p. 10

⁷ Idem, p. 11

valores. O que se traduz, em termos institucionais, pelo que é anunciado no decreto ao final do primeiro número.

O novo regime político instaura-se sob o signo do Liberalismo e traz para os artistas a esperança de romper com certos mecanismos de controle do campo artístico que haviam sido instaurados após a Revolução Francesa, pelo regime napoleônico e pela Restauração dos Bourbons. O campo da arte fora submetido a um rigoroso *numerus clausus*.

Em 1792, quando a Real Academia de Escultura e de Pintura foi suprimida, ela tinha em seus quadros aproximadamente 500 membros.⁸ Ora, entre 1803 e 1891, houve apenas 56 pintores acadêmicos. Por ano, houve uma média de vinte a trinta artistas acadêmicos no conjunto de pintores, gravadores e escultores - 1% dos artistas atuantes - eleitos com a média de cinquenta e três anos de idade.

Torna-se, pois, crucial intervir no campo, modificar suas regras de controle e legitimação, abrir espaço para os artistas que apresentam propostas inovadoras. O tema das mudanças institucionais, que se apresenta discretamente no primeiro número, no segundo, embora continue na Seção *Nouvelles*, é abordado em um artigo, *L'Académie des Beaux-Arts et le Ministère*.⁹ No terceiro número, o tema se desloca para a Seção *Beaux-Arts*, em um artigo assinado por E. Grille de Beuzelin, o qual propõe que sejam destruídas a Escola de Belas Artes e a Academia de França em Roma.¹⁰ Para, finalmente, no quarto número, constituir o mote para seu artigo de abertura, a famosa *Lettre sur les concours* de autoria de Delacroix, dirigida ao Diretor da Revista.¹¹

⁸ Estas informações e que as demais que seguem podem ser encontradas em HEINICH, Nathalie. *Etre artiste; es transformations du statut des peintres et des sculpteurs*. Paris, Klincksieck, 1996. p.

⁹ *L'ARTISTE*. Tome I, 2^{eme} livraison, 1831. p. 32-33

¹⁰ Observations adressées à la commission chargée des modifications à apporter aux règlements (sic) de l'Ecole des Beaux-Arts et de l'Académie de France à Rome. *L'ARTISTE*. Tome I, 3^{eme} livraison, 1831. p. 35-36.

¹¹ *Au Directeur de L'Artiste*. *L'ARTISTE*. Tome I, 4^{eme} livraison, 1831. p. 49-51.

A importância desta comissão e das decisões que deve tomar pode ser avaliada não somente pela possibilidade que se abre de flexibilizar as rígidas regras de regulação, e estrangulamento, do campo artístico, mas por estar o sistema de premiações acadêmicas vinculado ao evento mais importante da vida social parisiense – vale dizer européia – os Salões.

Para um artista, ter uma obra exposta nos Salões é essencial para seu reconhecimento, para que consiga encomendas do Estado ou de particulares, para que encontre compradores para seus quadros ou esculturas.

Nesta conjuntura, qual a função do crítico de arte e como se legitima sua existência? O crítico de arte, sempre um literato, tem uma atuação mediadora entre o artista e o público, assumindo uma função pedagógica junto ao público leitor a quem apresentará novos artistas, novos temas e novas idéias. Legitima-se pela secular tradição que confere ao saber (intelectual) a supremacia sobre o fazer (manual). Na cultura francesa, Diderot aparece como um modelo que virá legitimar, por contigüidade, os artigos críticos de *L'Artiste*, sobretudo aqueles dedicados aos Salões.

Ora, os *Salões* de Diderot, em sua integralidade, permaneciam inéditos. Sua publicação, em versão integral, para qual se fará uma subscrição, é anunciada no 10^o. número, que publica um inédito: *Fragmens (sic) de Diderot – Avant-Propos du Salon de 1763*.

Outros inéditos de Diderot serão publicados pela revista, juntamente com artigos críticos sobre o Salão de 1831, o primeiro a ser realizado após a Revolução de Julho. Lembro que neste Salão foi exposto pela primeira vez o famoso quadro de Delacroix, *La liberté guidant le peuple*, que a revista anuncia com o nome de *Scènes de Barricades de Juillet*.

[Os artigos voltados para a Pintura, e em menor número para a Escultura, serão em sua maioria dedicados aos Salões - exposição periódica de obras de pintores e escultores vivos - ou

aos quadros de pintores exibidos no Museu do Luxemburgo, exposição permanente de obras de artistas vivos que se haviam destacado nos Salões.)

Graças aos artigos críticos da revista, o leitor será convidado a visitar os Salões e a "ver" as obras. Seu gosto será formado não somente por esses artigos, mas por transposições de arte que vêm reduplicar as litografias que acompanham a revista, como um brinde para o leitor. Será convidado a compartilhar o saber do crítico que lhe faculta julgar as obras de arte.

O compromisso da revista com este papel de guia iniciático será lembrado mais tarde, em 1838, quando a direção da revista passa para Delaunay.

O editorial do 12º. número inaugura uma nova série. Ocupar-se-á não apenas do campo artístico em Paris, mas também da Província. A primeira série, que cobre oito anos, será transformada em livro. Faz-se um apelo ao leitor e aos jovens talentos que a revista teria descoberto, formado, revelado e tornado célebres, para que a apoiem nessa nova fase.

Em 1831, tratava-se de construir um espaço enunciativo que vai propor juízos de valor no que se refere à arte, e que deverá, portanto, legitimar-se enquanto tal.

O "moderno" proposto pela revista, na verdade, não é feito de uma recusa do passado, senão da abertura para certos valores do passado. A revista se vê, retrospectivamente, como um espaço que acolheu inovações, em um período em que uma certa modalidade de arte precisava ser defendida. Mas também está voltada para o resgate de determinados elementos que vão compor um "passado" nacional, efeito de um preciso espaço-histórico.

A referência, em seu primeiro editorial, à "nobre luta das artes" e a metáfora que define o periódico como *tribuna*, evidenciam o fato de que *L'Artiste* constituiu um espaço aberto a polêmicas, sempre atento ao gosto do público.